

A reação positiva das empresas brasileira diante do desafio do comércio exterior também vem sendo relevante para explicar o aumento das exportações. Esse esforço exportador terá implicações para o futuro. Mesmo se daqui para frente ocorrer um arrefecimento da demanda de nossos parceiros comerciais, ou queda dos preços externos dos nossos produtos exportados, as exportações brasileiras tendem a mostrar maior resistência à queda. Essa resistência das exportações brasileiras aumenta a capacidade da economia brasileira resistir a choques futuros.

Reação das Empresas Brasileiras Sustenta Exportações em Meio à Apreciação Cambial

De acordo com dados do Banco Central, o superávit em conta corrente atinge 1,31% nos últimos 12 meses finalizados em maio. Este resultado deve-se em boa parte aos persistentes saldos de balança comercial. Diante disso, vale se perguntar quais as motivações para o persistente aumento das exportações a despeito da apreciação do real.

Tabela 1: Exportações e Importações Efeito Preço e Efeito Quantidade

	Efeito Quantidade		Efeito Preço	
	Exportações	Importações	Exportações	Importações
2000	11,0%	13,1%	3,3%	0,2%
2001	9,6%	3,0%	-3,5%	-3,2%
2002	8,6%	-12,2%	-4,6%	-3,2%
2003	15,7%	-3,7%	4,7%	6,1%
2004	19,2%	18,1%	10,7%	10,1%
2005	9,3%	5,4%	12,2%	11,1%
2006	3,3%	16,1%	12,5%	7,0%
2007*	10,9%	23,1%	9,4%	3,0%

Nota(*): Janeiro a Maio

Fonte: Funcex Elaboração: Sobeet

É verdade que os resultados crescentes de balança comercial têm sido em parte decorrentes do dinamismo da demanda externa. Esse benefício resultante da expansão da economia mundial propicia o raciocínio recorrente de que o aumento do saldo de comércio exterior brasileiro teria sido quase que integralmente fruto de fatores exógenos às empresas brasileiras. É fato que parte do crescimento das exportações brasileiras decorre do aumento dos preços dos produtos exportados. Como se observa acima, até maio deste ano o efeito preço sobre o valor das exportações, de 9,4%, supera o efeito preço sobre o valor das importações, de 3,0%. Isso não significa, entretanto, que a sustentação das exportações em meio à apreciação cambial se resume a preços. Como também se observa acima, enquanto os preços de nossas exportações aumentam o valor das mesmas em 9,4%, as maiores quantidades exportadas têm efeito ainda maior, de 10,9%. Em outras palavras, não se pode dizer que o aumento de preços foi o único fator ou o que mais contribuiu para o aumento das exportações.

Um segundo argumento é o de que a quantidade demandada externamente favorece nossas exportações. De fato, os produtos de maior dinamismo no comércio mundial são justamente os que ganham participação em nossa pauta, como se observa abaixo, o que vai a favor deste argumento. Ocorre, entretanto, que as exportações brasileiras crescem acima do crescimento do comércio mundial. As exportações mundiais de bens e serviços se expandiram à taxa média anual de 10,5% de 2000 a 2005, último dado disponibilizado pela OMC. Na mesma comparação, as exportações brasileiras cresceram à taxa de 16,6%. Esse crescimento a maior das exportações

Boletim da SOBEET

Rua Joaquim Floriano, 101 - cj. 905
04534-010 - São Paulo - SP - Brasil
tel/fax: 55 11 3078-9236 / 3079-5327
e-mail: sobeet@uol.com.br
site: www.sobeet.com.br

brasileiras explica porque a sua participação nas exportações mundiais passou de 0,9% para 1,1% no mesmo período. Ou seja, as exportações brasileiras não aumentam a reboque do dinamismo do crescimento mundial, mas sim a sua frente. Desse modo, a explicação para o aumento do saldo comercial deve ser buscada em outros fatores além dos preços das exportações e da demanda externa.

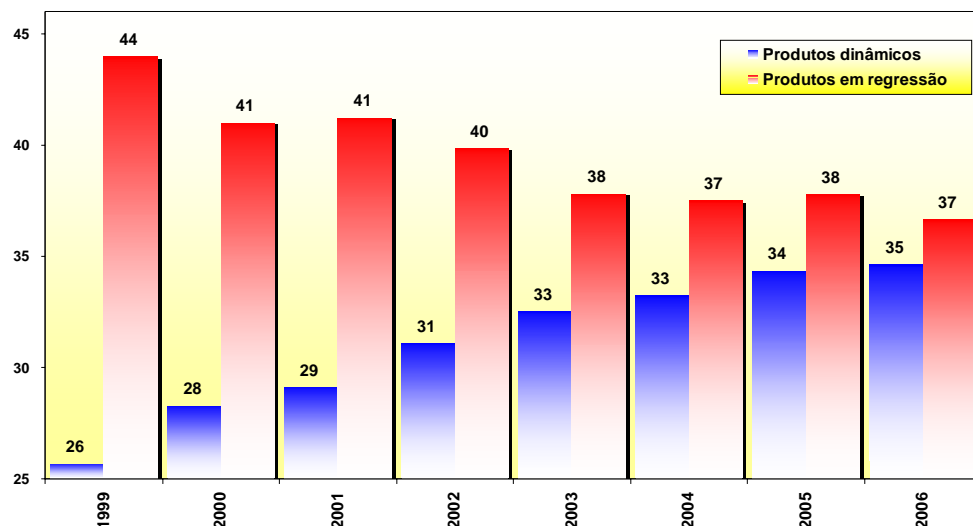


Gráfico 1:
Participação dos
Produtos Dinâmicos
e em Regressão
na Pauta de
Exportações
Brasileira Segundo o
Grau de Dinamismo
no Comércio Mundial
(%)

Fonte: Funcex
Elaboração: Sobeet

Além do estímulo da demanda e dos preços externos, outros fatores explicam o aumento das exportações. Uma possível hipótese é a reação positiva das empresas brasileiras diante do desafio do comércio exterior. Um indício dessa reação positiva consiste no esforço de melhorar as suas vantagens comparativas. Com o intuito de aferir este esforço, utilizamos o conhecido Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), de Balassa. Como se sabe, este índice analisa se o país *j* possui vantagens comparativas na produção do produto *i*. Segundo este índice, a vantagem comparativa só se revela quando o peso total das exportações desse produto é superior ao peso no total das importações. Sinteticamente, o índice de Balassa apresenta a seguinte estrutura:

$$VCrij = \frac{\frac{X_{ij}}{\sum_{i=1}^n X_{ij}}}{\frac{M_{ij}}{\sum_{i=1}^n M_{ij}}}$$

Como forma de simplificar os cálculos, normalmente utiliza-se o logaritmo aos dois índices. Assim, se:

Log VCR_{ij} > 0, existe vantagem comparativa no produto *i*.
Log VCR_{ij} < 0, existe desvantagem comparativa no produto *i*.

Ao estimar as vantagens comparativas reveladas para os principais setores exportadores da economia brasileira durante o período de 1999, ano da mudança do regime cambial, até maio de 2007, último dado disponível, encontramos os seguintes resultados:

		1999	2007 (Jan-Maio)
Setores com Vantagens Comparativas	Café	3,28	2,96
	Açúcar	4,11	2,83
	Abate de animais	1,14	1,54
	Madeira e mobiliário	0,99	0,92
	Calçados, couros e peles	0,95	0,79
	Óleos vegetais	0,98	0,78
	Agropecuária	0,35	0,67
	Extrativa mineral	0,85	0,64
	Siderurgia	0,76	0,50
	Celulose, papel e gráfica	0,35	0,35
	Veículos Automotores	0,05	0,22
	Beneficiamento de produtos vegetais	0,27	0,12
	Metalurgia não ferrosos	0,28	0,05
	Minerais não metálicos	0,13	0,04
	Peças e outros veículos	0,01	-0,10
	Setores com Desvantagens Comparativas	Têxtil	-0,04
Material Elétrico		-0,28	-0,19
Elementos químicos		-0,42	-0,21
Borracha		0,05	-0,23
Laticínios		-1,78	-0,24
Outros produtos metalúrgicos		-0,05	-0,25
Máquinas e tratores		-0,49	-0,30
Petróleo e carvão		-3,30	-0,38
Refino de petróleo e petroquímicos		-0,48	-0,41
Plástica		-0,43	-0,41
Artigos de Vestuário		-0,30	-0,61
Equipamentos Eletrônicos		-0,68	-0,73
Farmacêutica e perfumaria		-0,71	-0,74

Tabela 2: Índice de Vantagens Comparativas Reveladas - IVCR

Fonte: MDIC Elaboração: Sobeet

Nota-se que dos 28 setores pesquisados, 14 apresentam vantagem comparativa em seus produtos nos primeiros 5 meses de 2007. Além disso, nota-se que dos outros 14 que setores pesquisados com desvantagem comparativa em seus produtos, apenas 7 apresentaram queda do IVCR na comparação com o ano de 1999. Ou seja, os demais 7 vêm demonstrando reação positiva em termos de melhora de suas vantagens comparativas diante do desafio exportador.

Em resumo, pode-se dizer que o dinamismo da economia internacional beneficia sim a expansão das exportações brasileiras. Mas isso não significa que as exportações aumentam apenas por conta de fatores exógenos às empresas brasileiras. Diferentes indicadores demonstram que a reação positiva das empresas brasileira diante do desafio do comércio exterior também vem sendo relevante para explicar o aumento das exportações. Estas evidências são parte integrante do ajuste externo que a economia brasileira tem realizado nos últimos anos. Esse esforço exportador terá implicações para o futuro. Mesmo se daqui para frente ocorrer um arrefecimento da demanda de nossos parceiros comerciais, ou queda dos preços externos dos nossos produtos exportados, as exportações brasileiras tendem a mostrar maior resistência à queda. Contribuirá também para isso a crescente desconcentração das exportações por produto e por destino. Essa resistência das exportações brasileiras aumenta a capacidade da economia brasileira resistir a choques futuros.

PRESIDENTE e DIRETOR FINANCEIRO: Luis Afonso Lima (Grupo Telefónica)

VICE-PRESIDENTE: Reynaldo Passanezi (BBVA)

DIRETORA TÉCNICA: Maria Antonieta Del Tedesco Lins (PUC-SP/FGV Projetos)

DIRETOR: Nicola Tingas (Economista-chefe FEBRABAN)

DIRETOR: Fernando de Paula Rocha (JGP Gestão de Recursos)

CONSELHO CONSULTIVO:

PRESIDENTE: Hermann Wever (Siemens Brasil)

André Costa Carvalho (Banco Credit Suisse); **Antônio Corrêa de Lacerda** (PUC-SP); **Antonio Martins da Cunha Filho** (ex-DECEC-BACEN); **Antonio Prado** (BNDES); **Armando Castelar Pinheiro** (IPEA); **Arno Meyer** (Ministério da Fazenda); **Carlos Eduardo Carvalho** (PUC-SP); **Carlos Kawall** (Ministério da Fazenda); **Christian Lohbauer** (ABEF); **Gustavo Franco** (PUC-RJ); **John E. Mein** (Consentes); **Luciano Coutinho** (BNDES); **Marcelo Resende Allain** (Nestlé); **Maria Helena Zockun** (FIPE-USP); **Maurício Mesquita Moreira** (BNDES); **Octavio de Barros** (Bradesco); **Otaviano Canuto** (BID); **Renato Baumann**(UnB/ CEPAL-Brasil); **Ricardo Bielschowsky** (CEPAL-Brasil); **Rolf-Dieter Acker** (BASF); **Rubens Barbosa** (Ex-Embaixador do Brasil em Washington); **Rubens Ricupero** (Ex-Secretário Geral da UNCTAD) ; **Sandra Polónia Rios** (CNI); **Vera Thorstensen** (Missão do Brasil naOMC); **Virene Roxo Matesco** (EPGE/IBRE-FGV-RJ); **Winston Fritsch** (Rio Bravo); **Yoshiaki Nakano** (FGV-SP)

Mantenedores



The Chemical Company

ThyssenKrupp Metalúrgica
Campo Limpo



Uma Empresa
ThyssenKrupp Automotive



BANCO REAL
ABN AMRO